

Cristina PETRESCU
(Universitatea „Babeș-Bolyai”,
Cluj-Napoca) | **Vasco da Gama – navegando
entre memória, história e literatura**

Abstract: (Vasco da Gama – Navigating between History, Memory and Literature) This work aims to analyze the relationship that is established between the perpetually ressemantized figure of the great Portuguese national hero Vasco da Gama, the collective memory and the reconstitution or, on the contrary, the literary deconstruction of the same. An imposing historical actor who often reaches the dimensions of a myth, Vasco da Gama was not only the main personality of the Great Age of Discovery, but also a character in literary works that covered the temporal, stylistic and thematic axis of the last five centuries. Álvaro Velho, Luís de Camões, Fernando Pessoa or António Lobo Antunes, among others, offer us an image that sometimes legitimizes the past but, in most cases, reposition itself in relation to it, rethinking it and making visible the inconsistencies between history, memory and literature. Vasco da Gama's figure will therefore become a pretext for an extensive and profound reflection on the legitimation and instrumentalisation of collective memory, on its relevance within literary discourse, and on a whole socio-cultural and historical imaginary, confronted with the mechanisms of memory and forgetfulness. Is there, between history, memory and literature, fused in the controversial image of Vasco da Gama, a common discourse? And is it relevant? These are the questions that we will try to answer here.

Keywords: *Vasco da Gama, Álvaro Velho, Luís de Camões, Fernando Pessoa, António Lobo Antunes.*

Resumo: Neste trabalho propomo-nos a analisar a relação que se estabelece entre a figura, perpetuamente ressemantizada, do grande herói nacional português Vasco da Gama, a memória coletiva e a reconstituição ou, pelo contrário, a desconstrução literária da mesma. Imponente ator histórico que muitas vezes atinge as dimensões de um mito, Vasco da Gama não foi apenas a principal personalidade da época das grandes navegações, mas também personagem em obras literárias que percorreram o eixo temporal, estilístico e temático dos últimos cinco séculos. Álvaro Velho, Luís de Camões, Fernando Pessoa ou António Lobo Antunes, entre outros, oferecem-nos uma imagem que por vezes legitima o passado mas, na maioria dos casos, reposiciona-se em relação a ele, repensando-o e tornando visíveis as incongruências existentes entre história, memória e literatura. A figura de Vasco da Gama tornar-se-á, portanto, num pretexto para uma extensa e profunda reflexão sobre a legitimação e a instrumentalização da memória coletiva, sobre a relevância da mesma dentro do discurso literário, e sobre todo um imaginário sociocultural e histórico confrontado com os mecanismos da memória e do esquecimento. Existirá, entre a história, a memória e a literatura, fundidas na controversa imagem de Vasco da Gama, um discurso comum? E será ele relevante? São essas as perguntas às quais tentaremos, aqui, dar resposta.

Palavras-chave: *Vasco da Gama, Álvaro Velho, Luís de Camões, Fernando Pessoa, António Lobo Antunes.*

Vulto central da expansão ultramarina portuguesa, Vasco da Gama não é apenas autor do “empreendimento mais ousado da época moderna” (Tarracha Ferreira 1998, 9), como também figura essencial e plurifacetada da memória coletiva portuguesa, assiduamente interpretada e ressemantizada.

Enquanto herói da Índia, a sua história é clara, conhecida e decisiva, dado que, considera Maria Tarracha Ferreira, “o Mundo e o conceito de civilização são diferentes antes e depois de Vasco da Gama” (Tarracha Ferreira 1998, 43). Sabemos, pela história, que o grande herói da Índia, inicialmente “um jovem fidalgo relativamente obscuro” (Ramos 2009, 214), partiu de Lisboa em julho de 1497 e regressou ao reino em 1499, depois de ter descoberto o caminho marítimo para a Índia e de ter desembarcado em vários pontos da costa africana. O seu perfil histórico é perfeitamente contornado, e de forma resumida, por Maria Tarracha Ferreira: Vasco da Gama foi “almirante dos mares da Índia, 1.º conde da Vidigueira, 6.º governador e 2.º vice-rei da Índia–, celebrizado como navegador e embaixador na primeira viagem à Índia, conquistador e negociador na segunda, administrador e político na terceira” (Tarracha Ferreira 1998, 45).

De ponto de vista físico e psicológico, sabemos, pelas crónicas de João de Barros, que Vasco da Gama foi um homem “de meia estatura, um pouco envolto em carne, cavaleiro de sua pessoa, ousado em cometer qualquer feito, no mandar áspero e muito para temer em sua paixão, sofredor de trabalhos e grande executor no castigo de qualquer culpa por bem da justiça” (apud da Fonseca 1997, 9). Faria e Sousa confirma os elementos essenciais da sua aparência quando recompõe o retrato de um homem “de estatura mediana, um pouco gordo, incendiado de cor” (apud da Fonseca 1997, 9). E Frei Luís de Sousa atesta a determinação e o espírito justiceiro daquele “homem muito activo e amigo da justiça” (apud da Fonseca 1997, 9), que “procedia [...] com a sua veemência natural e sem dar hora de repouso a seu espírito” (apud da Fonseca 1997, 9). Em suma, os seus principais atributos são, além de “a força de ânimo, firmeza de carácter e o sentido de justiça» (Tarracha Ferreira 1998, 14), a severidade, tenacidade, o poder de decisão e uma impressionante vontade.

Vasco da Gama, herói das Índias e “forte capitão”

Porém, não são estes traços e aspectos – embora sejam estes dados históricos de irrefutável importância– que mais interessam aqui. É através da sua imagem mítica e mutável que Vasco da Gama mais seduz e intriga. Porque é através dela que a sua figura penetra o campo da memória, seja ela real, alternativa ou destorcida. E o primeiro livro que reconstitui, de forma complexa, o perfil do herói, é o próprio *Roteiro de Vasco da Gama à Índia* de Álvaro Velho, testemunho da época que pretende reproduzir fielmente e de forma pormenorizada (como, aliás, era comum na época) todos os acontecimentos da prestigiosa viagem. Sabemos, através deste roteiro, que, para além do perfil áspero e decidido do herói das Índias, se enxerga o retrato de um homem jovial, que não recusa obedecer aos prazeres mundanos. Na Angra de São Brás, Vasco da Gama responde ao convite dos africanos perpetuando o eco musical iniciado por eles e dançando ele próprio ao lado dos homens da sua tripulação:

E eles começaram logo de tanger quatro ou cinco flautas, e uns tangiam alto e outros baixo, em maneira que concertava muito bem para negros de que se não espera

música; e bailavam como negros. E o capitão-mor mandou tanger as trombetas, e nós, em os batéis, bailávamos e o capitão-mor de volta connosco. (Velho 1998, 13)

Observam-se, ao longo do relato, outras manifestações de alegria semelhantes, que muitas vezes contrabalançam os longos momentos de espera ou cansaço físico e psicológico. Depois de uma longa espera pelos mouros que só no dia seguinte vieram, Álvaro Velho conta como “deixámos de nos desenfadar, e cantávamos e bailávamos ao som das trombetas e tomávamos muito prazer” (Velho 1998, 48).

Porém, o perfil do herói das Índias não deixa de ser dominado pela inteligência, a audácia e as manifestações autoritárias que de modo geral o caracterizam. Um só episódio é capaz de ilustrar todos estes atributos: ao suspeitar da reserva dos indígenas e de uma potencial traição por parte deles, Vasco da Gama manifesta o seu poder fazendo uso da artilharia, empregada para lhes mostrar que “lhes poderíamos fazer mal, e que lho não queríamos fazer” (Velho 1998, 15), ou saíndo “em terra com lanças, zagaias e bestas armadas” (Velho 1998, 14), para “lhes mostrarmos que éramos poderosos para lhes fazer mal” (Velho 1998, 14) mesmo que, continua o narrador, “lho não queríamos fazer” (Velho 1998, 14).

Com *Os Lusíadas* de Luís Vaz de Camões, estes traços adquirem ainda mais firmeza, chegando até a assumir características sobrehumanas. É neste grande poema épico nacional, publicado em 1572, que o ilustre capitão começa a ganhar os contornos míticos do grande herói nacional que atravessou inabalavelmente séculos de história.

Em *Os Lusíadas*, Vasco da Gama, ao lado de outros heróis portugueses, situa-se não apenas ao lado dos deuses, mas sim acima deles, dado que o narrador afirma, logo no início: “Eu canto o peito ilustre Lusitano,/ A quem Neptuno e Marte obedeceram” (Camões 2016, 11). O já glorioso, mas fragilizado pela sua condição inerentemente humana, Vasco da Gama adquire aqui poderes sobre-humanos, capazes de substituir quase por inteiro a sua figura real. E é a partir daqui que o seu perfil começa a ser realmente e intensamente reinterpretado. Vasco da Gama passa a ser o grande herói das navegações, fabulosa figura da mitologia dos descobrimentos, embora seja ele, explica Maria Vitalina Leal de Matos, apenas uma parte – a maior – do “herói colectivo, os portugueses” (de Matos 1980, 31). Assim, ele torna-se símbolo e síntese de Portugal e do glorioso povo português. Vasco da Gama, «o forte capitão/ Que a tamanhas empresas se oferece,/ De soberbo e de altivo coração/ A quem Fortuna sempre favorece» (Camões 2016, 21), vira não apenas sublime protótipo nacional, como também encarnação “do ideal humano que se exprime pela heroicidade” (de Matos 1980, 32), um homem “capaz de romper limites” (de Matos 1980, 36), que “conhece a força de criar, de descobrir” (de Matos 1980, 36), que “experimenta a ousadia de desvendar o desconhecido” (de Matos 1980, 36), um homem que, em suma, pela sua ousadia, excepcionalidade e curiosidade, resume todo um ideal renascentista.

Embora visivelmente idealizada e hiperbolizada, esta imagem é justificada por, pelo menos, dois factos. Primeiro, é o género epopéico por si, explica Maria Vitalina Leal de Matos, aquele que impõe o “tom grandioso, solene, eloquente” (de Matos 1980, 19) e um “tema glorioso” (de Matos 1980, 19), e é este género aquele que, no

Renascimento, surge como o género mais elevado e sublime, assegurando ao seu praticante um bem merecido e incontestável reconhecimento literário. Segundo, esta imagem decorre da necessidade do povo português de forjar uma identidade nacional, coletiva, que reflita o discurso imperialista e afirme a superioridade da nação portuguesa, atribuindo-lhe dimensões paroxísticas.

Ao mesmo tempo, o mesmo Luís de Camões anuncia, nesta obra-prima da literatura portuguesa, a ambivalência das suas personagens e dos factos apresentados quando, no canto VII, aponta para os vícios dos seus heróis. O discurso do Velho do Restelo sobrepe a imagem sublimada dos protagonistas uma outra imagem, capaz de negar a primeira ou pelo menos gerar ambiguidade. O velho "de aspecto venerando" (Camões 2016, 134), com a sua "voz pesada" (Camões 2016, 134) e visivelmente descontente critica, de modo aberto, a "glória de mandar" (Camões 2016, 134), a "vã cobiça" (Camões 2016, 134) e toda a " vaidade a quem chamamos Fama!" (Camões 2016, 134). Os grandes feitos heróicos despertam uma "Dura inquietação d'alma e da vida" (Camões 2016, 134) e são "fonte de desemparos e adultérios" (Camões 2016, 134). Aos olhos do velho, "esforço e valentia" (Camões 2016, 135) são apenas outros nomes, enganadores, de "cruza e feridade" (Camões 2016, 134). E "Fama e Glória soberana" (Camões 2016, 134) são "nomes com quem se o povo néscio engana!" (Camões 2016, 134). Os grandes ideais até então apresentados e glorificados são inesperadamente abortados, deixando o leitor na dúvida e, ao mesmo tempo, propondo uma mitologia mais complexa, porque a sua realização reside na luta entre vida e literatura, entre realidade e ficção.

Continuando o diálogo entre mito e realidade, mas de uma forma muito própria e diferente, Fernando Pessoa reafirma o heroísmo do povo português, cujo melhor representante é um Vasco de Gama valente que faz pasmar, de novo, os próprios deuses. Ao ver o ceu a "abrir o abismo à alma do Argonauta" (Pessoa 2008, 368), "Os Deuses da tormenta e os gigantes da terra/Suspendem de repente o ódio da sua guerra" (Pessoa 2008, 368). Assombrado pelo silêncio imponente e pela "luz de mil trovões" (Pessoa 2008, 368), até "o pastor gela, e a flauta/ Cai-lhe" (Pessoa 2008, 368) quando "em êxtase vê" (Pessoa 2008, 368) Vasco da Gama ao ser elevado ao céu e canonizado. Neste poema, intitulado *Ascensão de Vasco da Gama*, assim como em todos os poemas que compõem *Mensagem*, Fernando Pessoa anuncia o surgimento de um novo império civilizacional, que se seguirá aos impérios da Grécia, de Roma, da Cristandade e da Europa, sendo este Quinto Império, assumido por Portugal, um império não material, mas sim espiritual. A imagem de Vasco da Gama contribui, assim, fundamentalmente, para a reafirmação de Portugal como grande força civilizadora e para o despertar, na nação portuguesa, da consciência da identidade nacional, adormecida há séculos. O que Fernando Pessoa faz, de modo visível, é proporcionar uma mitificação da história e do passado¹ que permite a existência de um futuro grandioso e excepcional, que

¹ Intrínseca, aliás, à cultura portuguesa, segundo provam conceitos como Sebastianismo e o mito do Quinto Império, por exemplo.

possibilita, por outras palavras, tal como o Sebastianismo, a perpetuação de “uma espécie de idade de ouro permanente de Portugal” (Real 2017, 150).

Do ilustre capitão ao grotesco “ancião”

Só com o romance *As Naus* produz-se, de forma categórica¹, a ruptura com o passado glorificado e mitificado de Portugal e com a imagem de um Vasco da Gama virtuoso e mistificado. A antiepopéia publicada por António Lobo Antunes em 1988 desconstrói, por vários meios (temáticos e narrativos), a imagem épica do grande herói nacional, desmistificando, ao mesmo tempo, todo o passado glorioso de Portugal.

Num país esfarrapado e decaído, Lisboa, outrora glorioso ponto de partida das imponentes caravelas portuguesas, convertida em “Lixboa”, não tem, no romance de Antunes, nada de grandioso, “não cheira a lavras de café” (Antunes 2006, 34) ou “à ampla e profunda respiração da terra” (Antunes 2006, 34), mas sim “cheira a butano, a fumo de farturas, à peste dos séculos idos, a mulas de frade e a fezes de chibo doente no ondeado do terreno vago” (Antunes 2006, 34). Luís de Camões, imaginando que havia de encontrar na capital “obeliscos, padrões, mártires de pedra, largos percorridos pela brisa sem destino da aventura” (Antunes 2006, 73), depara com “armazéns nauseabundos” (Antunes 2006, 73), com um “dédalo de janelas de secada comidas pelos ácidos do Tejo” (Antunes 2006, 73), engolido por “uma noite de prédios esquecidos a treparem para um castelo dos Cárpatos pendurado no topo, uma ruína com ameias em cuja hera dormiam gritos estagnados de pavões” (Antunes 2006, 73). Antigamente berço da expansão marítima portuguesa, Lisboa é agora “uma cidade com odor de pia e de calça” (Antunes 2006, 128), “um sítio absurdo” (Antunes 2006, 81), apático e insignificante, uma capital “desprovida de tabaco e algodão, mais antiga e quieta do que uma tia entrevada” (Antunes 2006, 82-83).

Do “largo oceano” (Camões 2016, 15) de “branca escuma” (Camões 2016, 15), com as suas “marítimas águas consagradas” (Camões 2016, 15) de Luís de Camões e do “mar sem fim” (Pessoa 2008, 364) de Fernando Pessoa, que só aos portugueses foi concedido, o mar a que Deus “o perigo e o abismo deu” (Pessoa 2008, 369), mas em que também “espelhou o céu” (Pessoa 2008, 369), resta apenas “a selha desta água toda com naus que tornam de África carregados de colonos sem fortuna” (Antunes 2006, 128).

Os sublimes e valentes heróis lusitanos que conseguiram, no passado, “mais do que prometia a força humana” (Camões 2016, 11) e “edificaram/ Novo reino, que tanto sublimaram” (Camões 2016, 11), os reis gloriosos e os ilustres escritores que cantaram ou anunciaram os grandes feitos da pátria surgem como personagens banais ou ridículas, carnavalescas, cheias de vícios e extravagâncias. Francisco Xavier é um “déspota apeado” (Antunes 2006, 31), Diogo Cão, ao contar as suas aventuras como

¹ Embora a *Geração de 70* tivesse também criticado a mitificação exacerbada de um Portugal que, no final do século XIX, nada tinha, na opinião dos seus membros, de glorioso, mas que se embebedava, de facto, da sua própria decadência.

comandante das naus do Infante “pela costa de África abaixo” (Antunes 2006, 53), aventuras dos tempos de “oitavas épicas e de deuses zangados” (Antunes 2006, 53) não passa, nos olhos dos outros, de um bêbedo, Manoel de Sousa de Sepúlveda, que falsifica coqueteiles “acrescentando-lhes [...] uma medida de loção contra a calvície do droguista vizinho” (Antunes 2006, 99), é considerado, ao voltar de África, um “analfabeto” (Antunes 2006, 68) por não conhecer a nova realidade pós-revolucionária “socialista”, onde tudo “pertence à gloriosa vanguarda do proletariado” (Antunes 2006, 68), Fernão Mendes Pinto vende “bíblias, postais eróticos e gira-discos no porta a porta da cidade” (Antunes 2006, 80), Dom Manuel é “um príncipe envelhecido [...] de coroa de lata com rubis de vidro na cabeça e hálito de puré de maçã de diabético” (Antunes 2006, 93), “suando líquidos de velhos sob a coroa ridícula” (Antunes 2006, 94), Padre António Vieira discursa “os seus sermões de ébrio, até tombar num sofá, entre duas negras” (Antunes 2006, 100), e D. Sebastião, um “pateta inútil de sandálias e brinco na orelha, sepre a lamber uma mortalha de haxixe” (Antunes 2006, 141) acaba por ser esfaqueado “num bairro de droga de Marrocos por roubar a um maricas inglês, Oscar Wilde, um saquinho de liamba” (Antunes 2006, 141). O próprio Luís de Camões surge como um “cretino [...] que nem maneiras tem” (Antunes 2006, 128), tão decaído que recebe “uma cama na Rua do Norte em troca da garrafa de leite com o cadáver do pai” (Antunes 2006, 127) e que se contenta com a publicação de “uma edição de bolso de *Os Lusíadas*, com bailarinas nuas na capa, publicada numa colecção de romances policiais” (Antunes 2006, 103). Em suma, toda a “raça de heróis e marinheiros [...] vagueia, a beber água choca, nas dunas de naufrágio e Moçambique e ferve nas tabernas da Madragoa e do castelo a discutir histórias de escunas e a comparar o diâmetro altivo dos peitos das amantes de vossa alteza” (Antunes 2006, 148).

E, neste universo impregnado de decadência e miséria, Vasco da Gama, agora reformado, mas fazendo, como sempre “batota na sueca” (Antunes 2006, 96), lembra-se com nostalgia dos tempos em que

o chamaram ao Paço, lhe entregaram uma frota e o mandaram à Índia, oferecendo-lhe, para o ajudar, um maço de mapas de continentes inventados, pilhas de relatórios mentirosos, de viajantes pedestres e um capuchinho de cilício e terço em punho, investido da tarefa específica de benzer os moribundos” (Antunes 2006, 90).

Vasco da Gama e Dom Manuel, símbolos supremos da idade de ouro portuguesa, quase sempre juntos, surgem como “um casal de anciões mascarados com as roupas bizarras de um carnaval acabado” (Antunes 2006, 95), sendo-lhe pelo menos concedido pelo autor o privilégio de estarem “alheios ao cortejo de desocupados que os troçava, rindo-se do ceptro e da coroa de lata” (Antunes 2006, 95). Na “sua decrepitude e no seu cansaço” (Antunes 2006, 96) os dois, rei e navegador, sentem-se “finalmente iguais” (Antunes 2006, 96). A sua identidade confunde-se de tal maneira que chega, finalmente, a fundir-se num só carater frágil e ridículo:

As pálpebras de galo idoso de Sua Majestade encontraram as minhas, por igual pragueadas e pisadas, e por momentos assaltou-me a ideia absurda de sermos um único indivíduo que se observava ao espelho, surpresos dos adereços das golas, dos brincos e das fivelas de oiro, de cócoras rente à água a salvo de cortesãos e adutores, mais vulnerável e frágil do que grumete em desgraça (96).

Num momento de inesperada lucidez constatam, os dois que “já não servimos para nada” (Antunes 2006, 145), mas a sua crónica inadaptação à realidade faz com que acabem, depois de D. Manuel insistir que “esta bodega toda me pertence” (Antunes 2006, 150), no manicómio onde “nos trituraram com camisolas de forças, nos enxotaram a pontapé [...] nos obrigaram a trocar as nossas roupas de nobres por pijamas asilares e sapatilhas de lona [...] nos raparam à navalha o cabelo, o bigode e a barba e nos abandonaram por fim num pátio interior” (Antunes 2006, 152).

Pelo menos, como um único privilégio que lhe foi concedido, Vasco da Gama pode afirmar que lhe acontecera

de tudo na vida, desde descobrir a Índia e limpar, com as próprias mãos, as diarreias e os vômitos do meu irmão morribundo Paula do Gama, a ajudar a entupir de rolhas de estearina o caixão do pai de um infeliz qualquer [n.n. Camões] [...] desde jogar a bisca com oficiais sem pulso no baralho, até, como agora, morar nesta vivenda do bairro económico da Madre de Deus, a Chelas, que o parlamento decidiu atribuir-me por unanimidade acompanhada de uma medalha e um diploma como paga pelos meus serviços à pátria, e onde o rei D. Manoel me vinha buscar aos domingos de manhã para passeios de automóvel ao Guincho” (Antunes 2006, 143).

Embora resíduos do passado persistam neste romance, trata-se aqui de um passado desprovido de glória e ilusões, que deve ser abandonado para que o futuro se possa concretizar de forma conveniente. Nenhum dos heróis, nem sequer o ilustre capitão das Índias, recebe o direito a salvação, porque o rompimento com o passado ilusório e enganador deve ser feito de modo categórico. Ao contrário do que propõe Fernando Pessoa, António Lobo Antunes parece impor a renúncia à tentativa, demasiadamente perpetuada, de viver e se autodefinir através dos mitos passados. E, neste contexto, Vasco da Gama é apenas um ator diletante que, em vez de recuperar, traduzir ou anunciar uma identidade, não faz senão ilustrar uma dramática perda ou dispersão de identidade, seja ela pessoal ou nacional.

Considerações finais

Vasco da Gama é, como se pôde observar, muito mais do que uma figura em carne e osso, do que um simples fidalgo ou do que o grande herói dos descobrimentos: a sua imagem plurifacetada tem-se instituído como uma narrativa histórica e literária em contínua mudança. A sua figura tem-se tornado pretexto para a asserção (Álvaro Velho), a reconstrução (Luís de Camões e Fernando Pessoa) ou a desconstrução (António Lobo Antunes) de um passado glorioso e de toda uma identidade nacional. A

simples invocação do seu nome é capaz de ativar uma memória, mítica ou verdadeira, de um país que sempre tem oscilado entre o complexo de inferioridade e o de superioridade e que tem tentado resolver este conflito através do apelo, às vezes simultâneo, ao passado e ao futuro. Porém, não se trata aqui de um passado entendido como expressão da finitude e nem de um futuro dificilmente imaginado, mas sim de um passado sempre disponível e prestes a ser reavivado e de um futuro acessível para tal processo.

Todos estes segmentos temporais fundem-se num diálogo entre memória, história e literatura que complica ainda mais a já caleidoscópica visão sobre os eventos acontecidos ou imaginados em torno do nosso herói. A memória, mais breve e menos vasta do que a história, segundo Paul Ricoeur (Ricoeur 2003, 5), limita-se a uma pequena parte do relatório da viagem à Índia, dirigido por Álvaro Velho. Uma pequena parte porque, embora os factos relatados sejam transcritos da memória daquele que tomou parte aos eventos, outra parte, considerável, pertence à história (a narração, por exemplos, de factos que interessavam ao rei) ou a literatura (os artifícios literários impostos pela época). Trata-se, por outras palavras, de uma memória parcial e seletiva. Todas “as recordações são, por assim dizer, narrativas” (Ricoeur 2003, 7) e “as narrativas são necessariamente seletivas” (Ricoeur 2003, 7). A história, mais ampla na visão de Paul Ricoeur, e mais permissiva, levando em conta múltiplas perspetivas, é aquela que menos interessa aqui, dado que confrontar as várias interpretações dos factos pediria um trabalho interminável e que aqui não encontra nem espaço e, talvez, nem interesse.

São a memória coletiva e a literatura aqueles que mais interessam, porque é lá que se produz a verdadeira exposição e multiplicação de sentidos. A história é substituída, neste caso, por uma memória coletiva forjada, mitificada. A figura de Vasco da Gama encarna perfeitamente a definição do mito assim como Fernando Pessoa a concebeu, como «o nada que é tudo» (Pessoa 2008, 354), como mediação entre realidade e ficção, como algo que, embora irreal, perfura continuamente as nossas vidas, mostrando-se mais real e necessário do que a própria história. Esta memória gerada pela figura do ilustre navegador não pretende fixar eventos, mas sim suspendê-los no tempo, instituindo, deste modo, uma outra memória, alternativa e destorcida, que não deixa no entanto de desempenhar o seu papel fundamental, aquele de afirmar a unicidade do sofrimento, o sofrimento coletivo de um povo que se entregou à dilacerante busca de um destino «absoluto, transcendente, exclusivo, excepcional e extraordinário» (Miguel Real 2017, 23).

Referências bibliográficas:

- Antunes, António Lobo. 2006. *As Naus*. Lisboa: Dom Quixote.
Camões, Luís de. 2016. *Os Lusíadas*. Lisboa: Guerra e Paz.
Fonseca, Luís Adão da. 1997. *Vasco da Gama: o homem, a viagem, a época*. Lisboa: Expo 98.
Matos, Maria Vitalina Leal de. 1980. *Introdução à poesia de Luís de Camões*. Amadora: Instituto de cultura Portuguesa.

- Pessoa, Fernando. 2008. *Obra essencial de Fernando Pessoa. Poesia do Eu*. Lisboa: ASSÍRIO & ALVIM.
- Ramos, Rui (coord.), Bernardo Vasconcelos e Sousa e Nuno Gonçalo Monteiro. 2009. *História de Portugal*. Lisboa: A Esfera dos Livros.
- Real, Miguel. 2017. *Traços fundamentais da cultura portuguesa*. Lisboa: Planeta.
- Ricoeur, Paul. 2003. *Memória, história, esquecimento*, disponível em: <https://docplayer.com.br/413533-Paul-ricoeur-memoria-historia-esquecimento.html>, consultado em 2.10.2021.
- Tarracha Ferreira, Maria Ema (leitura, seleção de textos, organização, introdução e notas). 1998. *Vasco da Gama na Literatura dos Descobrimentos*. Lisboa: Editora Ulisseia.
- Velho, Álvaro. 1998. *Roteiro de Vasco da Gama (8 de Julho de 1497-25 de Abril de 1499)*. Bucareste: Embaixada de Portugal em Bucareste.